Conclusão

Dilene Raimundo do Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, D. R. Conclusão. In.: *As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 173-175. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-114-3.

<https://doi.org/10.7476/9786557081143.0009>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Conclusão

Neste livro propus-me discutir tuberculose e Aids para além de sua conceituação biomédica; busquei apreender, na sua diversidade, as percepções médico-científicas, institucionais e sociais dessas doenças, e mostrar que, como representações de um mesmo fenômeno – a doença –, são construções nascidas de suas mútuas imbricações. Dito de outro modo, tomei essas entidades denominadas tuberculose e Aids para mostrar que sua realidade objetiva é efeito dialógico daquelas três instâncias discursivas.

Por se tratar de fenômenos patológicos diferentes, em dois tempos distintos, um olhar apressado tenderia a concluir que a tuberculose do início do século XX certamente nada teria a ver com a Aids do final do mesmo século. Com recortes temporais tão distantes pensar-se-ia que, em vista de tantas turbulências entre um período e outro, tais como guerras mundiais, revolução sexual, mudanças no campo político, ampliação e aprofundamento crescentes do campo científico com tantas aquisições tecnológicas, não enfrentaríamos hoje problemas que tivessem qualquer similitude com os do início do século XX. Mas, ao contrário, o estudo comparado, na medida em que estabelece similitudes e dissimilitudes em relação à tuberculose e à Aids, reafirma a necessidade de se levar em conta a polifonia discursiva para lidarmos com o tema da doença, do ponto de vista da representação social. O exame das formas de representação da tuberculose e da Aids permitiu a identificação de dois signos que, comuns a ambas, determinaram todo o seu processo de construção social: o tema do contágio e a incurabilidade.

Esses signos, reconhecidos e assumidos no âmbito da ciência, tornaram as duas doenças um problema coletivo à medida que o agente infeccioso nelas presente – podendo ser transferido de um indivíduo a outro de forma não seletiva –, caracterizaria uma situação de perigo social agravada pela incurabilidade, isto é, as enormes chances de o infectado vir a adoecer e morrer.

O estabelecimento desses dois traços distintivos pelo discurso científico, ao se difundir pelos canais de comunicação sob o manto de inúmeras versões, acaba por ser assumido socialmente nas mais diversas formas. A transmissibilidade e a incurabilidade, ao mesmo tempo em que demarcam os limites do conhecimento médico-científico, contribuem para a criação de uma experiência coletiva da doença marcada pela estigmatização do doente, pois este, como portador do agente infeccioso, passa metonimicamente a corporificar o próprio mal e conseqüentemente a morte.

Problemas coletivos, a tuberculose e a Aids tornam-se questões de interesse público e passam a requerer uma intervenção do Estado. Este reage, em cada caso, consoante uma maior ou menor permeabilidade de sua agenda política às questões engendradas na sociedade, em função de cada uma dessas doenças.

Por outro lado, em resposta ao medo e atitudes preconceituosas e estigmatizantes em relação aos ‘tuberculosos’ e ‘aidéticos’, organizar-se-ão grupos sociais comprometidos com o combate a essas doenças e às respectivas formas de sua percepção. Esses grupos, distintos quanto aos seus projetos políticos, ao buscarem envolver diferentes segmentos sociais e o Estado em um novo projeto de ação contra as doenças, ao estabelecerem como sua tarefa a recuperação da dimensão humana do doente – desconstruindo sua identificação com o fenômeno patológico – e ao promoverem a criação de instituições como a Liga Brasileira contra a Tuberculose, no início do século XX, e o Grupo pela Vida, no final deste mesmo século, atuarão decisivamente na construção de uma outra mentalidade na abordagem das doenças.

Finalmente, procurei examinar a atuação dos sujeitos ‘tuberculoso’ e ‘aidético’ no jogo polifônico do qual emergem as diferentes representações sociais da tuberculose e da Aids. Pela análise de depoimentos orais ou literários, foi possível acompanhar a trajetória de construção de uma subjetividade explicitamente marcada ou não pela condição de infectado e de doente, em luta contra o mal ‘objetivo’, bem como contra sua caracterização objetiva como o mal.

Chamou a atenção o fato de, se por um lado entre os mais notáveis representantes dos acometidos pela tuberculose haver médicos que buscavam falar do mal do ponto de vista científico e se, por outro, haver entre os soropositivos para o HIV ou os já acometidos pela Aids, os que falavam do lugar exclusivo dos vitimados, freqüentemente críticos em relação ao discurso médico-científico dominante – em ambos os casos, poder-se notar que os signos do contágio e da incurabilidade não justificariam a estigmatização e, no limite, a morte social.

Um estudo comparativo das duas grandes pestes do século XX, na perspectiva de seus processos como construções polifônicas e tendo em vista que essas construções se consubstanciam em representações sociais desses mesmos fenômenos patológicos, mostra que, a par da transitoriedade de toda representação, sem o olhar crítico ou, dito de outro modo, sem a reencenação crítica dos embates dialógicos dos agentes sociais, não é possível uma intervenção concreta de prevenção destas ou de quaisquer outras doenças, entre elas, talvez, a pior: a estigmatização social.